



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)**

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)

INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)

BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)

ELIZABETH DA SILVA OLIVEIRA

**QUILOMBO PERIFÉRICO: DO BOOM BOOM BLACK À FESTA
CRIOULA - AS FESTIVIDADES NEGRAS NA CIDADE DE
FORTALEZA/CEARÁ**

**REDENÇÃO
2022**

ELIZABETH DA SILVA OLIVEIRA

**QUILOMBO PERIFÉRICO: DO BOOM BOOM BLACK À FESTA CRIOLA - AS
FESTIVIDADES NEGRAS NA CIDADE DE FORTALEZA/CEARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz

REDENÇÃO
2022

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	04
2. TEMA E DELIMITAÇÃO DO TEMA	07
2.1 Objetivos	07
2.2 Problemas de pesquisa	07
3. JUSTIFICATIVA	08
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
4.1 Quilombo e sua historicidade	10
4.2 Quilombismo e aquilombamento nos dias de hoje	12
4.3 Bailes black's	13
4.4 Bailes black's como agência e resistência para as comunidades negras periféricas	16
5. METODOLOGIA	19
6. CRONOGRAMA	21
REFERÊNCIAS	22

1. INTRODUÇÃO

Este projeto nasceu com intuito de pesquisa e discussão sobre os quilombos periféricos (urbanos) em Fortaleza: sua (re)existência e a agência no processo identitário africano¹. No decorrer da escrita do projeto acabei somando as leituras com minhas experiências em Bailes Black's nas periferias de Fortaleza, a partir da sua construção e reverberação enquanto quilombo carregado de significados ancestrais.

Os Bailes Black's da cidade de Fortaleza - CE têm sido um dos espaços de manifestação das mais variadas estéticas negras. A corporeidade, musicalidade, roupas, penteados, tranças e acessórios utilizados demarcam a ancestralidade da população negra, carregam valores histórico-culturais de povos africanos, que encontramos (também) nos Bailes Black's da cidade de Fortaleza - Ceará.

O objetivo de pesquisa deste projeto é levar a uma reflexão sobre quilombos periféricos, pensando os próprios Bailes Black's enquanto quilombos e a estética incorporada neles, compreendendo também o processo de agência negra na produção dos bailes. Questionando assim, a ideia de quilombo atrelado a terra, sem levar em conta as dinâmicas e coletividades negras fora deste entendimento.

Para Indagar e dialogar a noção de Quilombo previamente concebida, recorri ao filme documentário “ÔRÍ” (1989) de Raquel Gerber sobre a vida e produções científicas de Beatriz Nascimento e “Quilombismo” (2019) de Abdias Nascimento para refletir sobre os bailes blacks como uma categoria de quilombo e a estética presente neles. Trago a obra “Catirina, minha Nêga, Tão Querendo te Vendê... escravidão, tráfico e negócios no Ceará do século XIX (1850 – 1881)” do historiador Hilário Ferreira para expandir as ideias que trago sobre resistências negras, produção de festas e organizações negras no período colonial do Ceará, dando sustentação a existência de produção de festividades negras ainda dentro das casas grandes e ruas de Fortaleza no século 19. Busquei o autor Kabengele Munanga em “Origem e histórico do quilombo na África” e “Negritude:

¹ Se reconhecer como africano na diáspora, criando formas de enaltecer e perpetuar uma cultura que continua sofrendo tentativas históricas de apagamento. Abdias Nascimento na obra ‘Quilombismo’ conta que: “No sentido de apagar da lembrança do afro-brasileiro a horripilante etapa histórica brasileira do escravagismo, a camada dominante no Brasil não tem poupado esforços. Com essa providência se conseguiriam vários benefícios: primeiro, aliviaria a consciência de culpa dos descendentes escravocratas, os mesmos que ainda hoje continuam dirigindo os destinos do país;segundo, simultaneamente ao desaparecimento do seu passado, o negro brasileiro assistiria também a obnubilação de sua identidade original, de sua religião de berço e cultura, o que resultaria na erradicação da personalidade africana e do orgulho que lhe é inerente.”(NASCIMENTO, 2019, p.110)

Usos e sentidos” para refletir a origem bantu do termo quilombo, historicidade e a sua chegada no Brasil.

Este projeto está organizado em cinco (5) tópicos. No primeiro tópico - **INTRODUÇÃO** - trago aspectos gerais deste projeto, onde apresento o tema do projeto e sua delimitação, os problemas (geral e específicos) a serem elucidados no decorrer do projeto, os objetivos (geral e específicos) almejado e as justificativas. O segundo tópico- **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA** - está subdividido em quatro (4) temática: **1 - Quilombo e sua historicidade:** Nesta temática abordo acerca da etimologia da palavra ‘QUILOMBO’, perfazendo uma viagem a sua gênese bantu e ao processo de formação e constituição do mesmo em solo brasileiro, pois “quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (kilombo, aportuguesado: quilombo)...” (MUNANGA, 1996, p.58).

A partir disto adentro para as conceituações e concepções sociais acerca do que é considerado como ‘Quilombo’; **2 - Quilombismo e aquilombamento nos dias de hoje:** Aqui uso como teóricos como Abdias Nascimento e Beatriz Nascimento para refletir acerca das novas categorias de quilombos ou formas de aquilombamentos que foram criadas por diferentes comunidades negras e militantes do movimento negro, sejam religiões de matrizes africanas; escolas de samba; periferias; bailes black’s, para então pensarmos a questão da existência de um ‘Quilombo’ para além dos campos (zona rural) - ‘**Quilombo Periférico**’-, ambos teóricos vão concordar que ‘Quilombo’ pode ser/é representado pelas inúmeras manifestações sócio-culturais e políticas das comunidades e coletivos negros, não estaria ligado diretamente ao território ou terra, mas as vivências e experientes do grupo.

3 - Bailes Black’s: Neste subtópico trago uma breve historicidade da origem da nomenclatura **Bailes Black’s** enquanto designação para festas para pessoas pretas, sua propagação além do território de origem e conseqüentemente abordo sobre o mesmo enquanto uma extensão ou continuação das festas que os negros realizavam, ainda, no período da escravização para se conectarem as suas origens. Posteriormente abordo sobre os códigos legais criados, no Ceará, para coibir que pessoas pretas se conectassem: Códigos de Conduta (1835) e Postura (1867); e

4 - Bailes Black’s como resistência e agência para as comunidades negras periféricas - trago todo um processo de vivência, memórias e reflexões acerca dos **Bailes Black’s**, sua idealização, execução e constituição. Trago aspectos como estilos musicais tocados, batuques, tranças, acessórios

e vestimentas para explicar a questão ancestral e histórica que os permeiam e que os tornam como um movimento de resistência e agência, antes de mesmo de serem espaços de sociabilidade, confraternização e solidariedade. No terceiro tópico - **METODOLOGIA** - explico o tipo de pesquisa que será utilizado na execução do projeto, sendo que o mesmo partirá de uma pesquisa qualitativa, com ênfase em um levantamento bibliográfico seletivo, preferencialmente com autores negros das diversas áreas do conhecimento. Tendo como métodos basilares a artesanaria intelectual, a escrevivência e etnografia. E no quarto e quinto tópicos temos a o **CRONOGRAMA** e as **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

2. TEMA E DELIMITAÇÃO DO TEMA

- Quilombo Periférico: Do Boom Boom Black à Festa Crioula - as festividades negras na cidade de Fortaleza/Ceará

2.1 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

- Refletir sobre os Bailes Black's enquanto uma categoria de Quilombo

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever os Bailes Black's da cidade de Fortaleza-CE
- Correlacionar os Bailes Black's e a questão da ancestralidade negra
- Compreender os Bailes black's como espaço de agência e resistência negra

2.2. PROBLEMAS

PROBLEMA GERAL

- São os Bailes Blacks uma categoria de Quilombo?

PROBLEMAS ESPECÍFICOS

- Por que pensar nos Bailes Black's enquanto uma categoria de Quilombo?
- Qual é o elo existente entre a ancestralidade negra e os Bailes Black's?
- Por que pensar nos Bailes Black's como espaço de agência e resistência negra?

3. JUSTIFICATIVA

Como uma mulher negra, periférica e produtora de bailes black na cidade de Fortaleza, a negação da identidade afrodescendente dentro de espaços acadêmicos é incômodo para mim. A identidade negra, está fortemente presente dentro dos bairros periféricos de Fortaleza e os bailes black's são construídos para unir pessoas negras destes diferentes territórios, seja para sociabilidade ou curtição.

Desde o tempo colonial, as populações negras foram obrigadas a viverem o dualismo social, seja enquanto, colonizador e colonizado, casa grande e senzala, belo e feio, centros e periferias. Neste último a política de morte do Estado - necropolítica que é um conjunto de ações políticas que visam, aos poucos, exterminar uma dita minoria (MBEMBE, 2018) - para as populações negras é notável, uma vez que há abandono, afastamento e precarização de quem vive na periferia de todo o Brasil. Uma política de morte que pode ser vista e analisada na reurbanização da cidade de Fortaleza, planejada e construída pelo engenheiro e arquiteto Adolfo Herbster nas últimas décadas do século XIX como uma estratégia de afastar a população negra e suas manifestações culturais para áreas não urbanizadas e marginalizadas e o novo plano urbanístico 'Fortaleza 2040'², que é um planejamento estratégico para o desenvolvimento urbanístico e econômico de Fortaleza, como continuidade desse processo de favelização e confinamento geográfico.

Mediante toda esta situação de precarização, afastamento e abandono, as pessoas negras periféricas continuam criando formas de resistir e agenciar suas comunidades e, uma destas formas são os Bailes Black's, espaços de sociabilidade negra que enaltecem a estética, espiritualidade, musicalidade e ancestralidade africana. Por muito tempo a ancestralidade africana foi marginalizada e tida como um incômodo para os padrões daquilo que é considerado "belo" e "aceitável", a par disso estão as concentrações, em espaços específicos, de pessoas negras que sofrem o mesmo tipo de pressão.

“A conquista dos espaços da festa, do batuque e do samba não representava apenas uma atitude transgressora da ordem estabelecida. Esses espaços frequentados por aqueles vistos como alvo dos traficantes - escravos, libertados e livres -

²O plano urbanístico foi uma iniciativa da administração do Prefeito Roberto Cláudio de 2014 a 2016 . O processo de elaboração do plano urbanístico seguiu por três fases: “A Fortaleza que Temos”, “A Fortaleza que Queremos” e a criação do plano estratégico. O processo de elaboração do plano urbanístico visava a participação popular, mas por conta do distanciamento entre sociedade civil e governo - e outras questões como segregação social, falta de políticas públicas, segurança e descrença- não ocorreu.

tornavam-se lugares de sociabilidade e autonomia, onde se estabelecia o contato tão negado e proibido pelos códigos de postura.” (FERREIRA, 2011, p.86)

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos bairros de Fortaleza mostra que nas periferias a grande maioria dos moradores é de escolaridade e de renda per capita baixa, enquanto que nos bairros considerados como centros urbanos ou nobres a realidade é outra (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2010) dando aso para o teóricos que chamam de confinamento social, isso juntando com a negação de direitos, principalmente à informação, resulta no desconhecimento aprofundado de raça e da sua própria história, mas devemos entender que este processo de (des)informação não é de agora, pois muitos Estados como o Brasil usam estes dois tipos de processos para a manutenção e perpetuação do poder em um único grupo de pessoas brancas e consequentemente a dominação sobre os corpos negros.

A ideia de quilombo difundida socialmente é muito antiga, e colonial. Muitos são os livros, dicionários e plataformas onlines de busca que cravam e partilham da definição de quilombo enquanto “um lugar de difícil localização, no mato, em que iam e ficavam escravos fugidos das casas grandes” (Dicionário Online de Português, 2020) Uma ideia estanca que se situa num passado histórico social (remetendo em muitos casos para o Quilombo dos Palmares) e que não contempla outros quilombos que vão se formar a partir de uma ideia de não fuga, e como muitas outras comunidades de negros(as) se constituíram (principalmente as periféricas).

Há poucos estudos sobre quilombos periféricos no Brasil, ainda menor se for delimitado ao Ceará. Dentre os autores(as) que irão falar sobre Quilombo no Brasil estão: Flávio Gomes (2015), Alex Ratts (2006), Abdias Nascimento (1991), Vera Rodrigues (2008), Beatriz Nascimento (1989). O tema “Quilombo Periférico³” e “As novas categorias de Quilombo” tratado neste projeto é pouco trabalhado e os autores que vão pesquisar sobre temática “Quilombo” (tanto o tradicional como o urbano) não adentram nos diálogos correlacionados. Tendo em vista que os trabalhos sobre esta temática, em específico, são escassos, acredito que este projeto poderá contribuir fortemente para os surgimentos de trabalhos com temáticas semelhantes.

³ O termo “Quilombo Periférico” utilizado neste projeto é uma reflexão sobre a favelização, o plano cartográfico e a reurbanização da cidade de Fortaleza com intuito de estimular o afastamento da população negra das áreas nobres e urbanizadas. Termo também utilizado em mandatos coletivos no Estado de São Paulo e Fortaleza (2021)

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Quilombo e sua historicidade

O Brasil foi construído e/ou é estruturado na base do racismo. Povos africanos foram trazidos à força para fomentar a economia e todo o resto mais, por isso é notório o rastro cultural, étnico e espiritual deixado por aqueles que vieram antes de mim. Etimologicamente o nome Quilombo é originário dos troncos linguísticos bantu Kimbundu "Kilombo", Umbundo "Ochilombo" e do Kikongo "Kilombu", línguas faladas por alguns povos vindos dos territórios que compreendem hoje países como Angola e os Congos (Democrático e Brazzavilles), que significa acampamento, arraial, povoação; união; exército. (LOPES, 2006, p.186).

"O quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (kilombo, aportuguesado: quilombo). Sua presença e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra." (MUNANGA, 1996, p.58)

Tal como aponta Munanga (1996) com a chegada de grupos africanos do tronco linguístico bantu da África Austral ao Brasil, num primeiro momento e, mais tarde outros grupos como os da Nigéria (yorubás), Benin e Mali, a junção destas culturas e línguas vão compor o mosaico multicultural que é o Brasil, por isso da etimologia do nome. Munanga retrata bem isso em "Origem e histórico do quilombo na África":

"Apesar de o quilombo ser um modelo bantu, creio eu que, ao unir africanos de outras áreas culturais e outros descontentes não-africanos, ele teria recebido influências diversas, daí seu caráter transcultural. Com efeito, a transculturação parece-me um dado fundamental da cultura afro-brasileira." (MUNANGA, 1996, p.63)

A citação acima Munanga destaca o papel de outras culturas na formação do modelo cultural que o Brasil de hoje ostenta, mas é importante reafirmar que não é objetivo deste projeto desclassificar ou tirar a relevância de culturas outras na construção do Brasil, mas sim entender e refletir a formação e estabelecimento dos Quilombos em solo brasileiro, sempre entendendo como uma construção social e/ou cosmologia essencialmente africana. Como isto quero dizer que existem registros históricos de Quilombos que vão marcar a história dos povos africanos no Brasil, servindo como demonstração de força, resistência e não menos relevante a agência dos mesmos contra o sistema (repressão) colonial. A par disto temos o Quilombo do Palmares - fundado no século XVI por africanos que não aguentavam mais a questão escravista - localizado na região da Serra da Barriga (Capitania de Pernambuco), foi um dos maiores Quilombos que existiu no Brasil e teve como líder

Ganga Zumba e por último o grande Zumbi dos Palmares, que depois de um século de resistência e agência, por um ato de traição, o Quilombo dos Palmares é invadido e dominado pelo regime colonial.

Para além do Quilombo dos Palmares existiram outros, ainda no período colonial, que terão a sua relevância socioespacial para os povos africanos e não só, mas trago o Quilombo dos Palmares a título de exemplo para compreender e termos o visão ampla da construção e constituição de um Quilombo.

Mas qual é o conceito social de Quilombo nos dias atuais? Ilka Leite no seu artigo “Os Quilombos no Brasil: Questões Conceituais e Normativas” (2000), traz a definição colonial de quilombo definido pelo Conselho Ultramarino Português de 1740 que seria: “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (p. 336).

Esta definição apresentada conecta - se diretamente com a noção de quilombo enquanto um lugar de difícil localização, no mato, em que iam e ficavam escravos fugidos das casas grandes; os negros que conseguiam fugir se refugiavam com outros que estavam na mesma condição em locais bem escondidos e fortificados no meio das matas.⁴ Noções que continuam bem vivas no imaginário popular, mas ambas definições refletem uma perspectiva anacrônica e folclorizada, ideia essa que vai se focar em um Quilombo distante de quase tudo (Quilombo rural).

“O ato de aquilombar-se, ou seja, de organizar-se contra qualquer atitude ou sistema opressivo passa a ser, portanto, nos dias atuais, a chama reacesa para, na condição contemporânea, dar sentido, estimular, fortalecer a luta contra a discriminação e seus efeitos. Vem, agora, iluminar uma parte do passado, aquele que salta aos olhos pela enfática referência contida nas estatísticas onde os negros são a maioria dos socialmente excluídos. Quilombo vem a ser, portanto, o mote principal para se discutir uma parte da cidadania negada.” (LEITE, 2000, p. 349)

Neste sentido, Ilka Leite discute a questão da construção do quilombo, concebendo os vários movimentos de deslocamento e realocação, que também foram feitos após a lei áurea. E afirma que a terra, enquanto espacialidade, é ressignificada pelo grupo pensando assim, o Quilombo para além do campo (Quilombo Rural). Mais sobre esse assunto abordaremos na seção seguinte.

⁴ Definição de dicionário virtual. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/quilombo/>

4.2 Quilombismo e aquilombamento nos dias de hoje

Novas categorias de quilombos ou formas de aquilombamentos foram criadas por diferentes comunidades negras e militantes do movimento negro, sejam religiões de matrizes africanas; escolas de samba; periferias; bailes black's - também tema deste projeto de pesquisa - entre outros espaços de sociabilidade negra. O filme e documentário ÔRÍ de Raquel Gerber (1989) que trás a vida e trabalho de Beatriz Nascimento, busca mostrar as várias identidades negras e as diversas formas citadas acima de ser quilombo (Corpo-mudança/movimento). Beatriz acreditava nas várias manifestações do 'quilombo' como uma construto da presença negra na sociedade.

“Quilombo é uma história. Essa palavra tem uma história. Também tem uma tipologia de acordo com a região e de acordo com a época, o tempo. Sua relação com o seu território. É importante ver que, hoje, o quilombo traz pra gente não mais o território geográfico, mas o território a nível (sic) duma simbologia. Nós somos homens. Nós temos direitos ao território, à terra. Várias e várias e várias partes da minha história contam que eu tenho o direito ao espaço que ocupo na nação. E é isso que Palmares vem revelando nesse momento. Eu tenho a direito ao espaço que ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse nicho geográfico, dessa serra de Pernambuco. A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou” (NASCIMENTO, 1989).

O quilombo, que pode ser representado pelas inúmeras manifestações sócio-culturais e políticas das comunidades e coletivos negros, não estaria ligado diretamente ao território ou terra, mas as vivências e experientes do grupo. Abdias Nascimento (2009) afirma que quilombo quer dizer uma “reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial” (Nascimento, 2009, p.201).

O corpo negro plural constrói e qualifica outros espaços negros, de várias durações e extensões, nos quais seus integrantes se reconhecem (RATTS, 2006, p.59). Ao dizer que os Bailes Black são quilombos, é colocado um sentido memorial e ancestral de resistência das comunidades negras, mesmo em território periférico. É dito Quilombo todo espaço em que há negros, senso de comunidade e o estímulo de traços culturais ancestrais (corporeidade, musicalidade, religiosidade, etc.).

A primeira vez que pisei em um quilombo, tinha mais ou menos 16/17 anos, fui ao quilombo do Alto Alegre, em Horizonte/CE. Eu tinha um imaginário de quilombo localizado na zona rural, sem escola, *etnizado*⁵ e com casas feitas de barro vermelho - algo bastante presente nas aulas de história

⁵ SANSONE, Livio (2007)
Etnização, tornar exótico, étnico.

do ensino fundamental e médio - Quando conheci fiquei surpresa, não era tão diferente do meu bairro. Naquele instante tudo que eu pensava ou imaginava sobre Quilombo não fazia mais sentido e isso acabou por mudar completamente a minha percepção sobre o assunto.

Trago essa memória para refletir sobre o que Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento e Ilka Leite falam sobre quilombo e também a não aplicação da Lei 10639/2003 que versa acerca do ensino de História Africana e Afro-Brasileira na grade curricular escolar. Muito que se discute no meio acadêmico e no social a questão da identificação dos traços sócio-políticos e culturais do quilombo ou o que seria ou não quilombo, perpassando por uma estereotipação, exotização e até racismo, pois a conceituação e imaginário popular é de um quilombo cristalizado no tempo, nos remetendo para um essencialismo, porém o tempo passa e as sociedades modificam – se, deste modo a ideia remota do quilombo sofreu modificações e o seu sentido ampliado, isto é, está sendo ressignificado a todo momento, mas sempre tendo como epicentro os negros em comunidade.

Mas o que é quilombo nos dias de hoje? A velha concepção de quilombos criados a partir da fuga foi sendo quebrada ao longo dos anos, pois não dava conta das realidades vividas e das experiências que ainda estão sendo construídas. Contudo, permanece uma concepção de quilombo rural, agrícola e familiar. Com isso, novas formas e concepções/teorias foram criadas ao longo dos anos para dar conta ou acompanhar essas mudanças sociais, então surge o 'Quilombo Urbano e/ou Periférico' enquanto conceito para discutir essas novas formas de Quilombos, sempre pensando em conglomerados de pessoas negras instaladas em determinados territórios tanto pela fuga e/ou pela posse, que vão ali construir suas vidas e dar prosseguimento ao processo de resistência e agência para manterem vivo o pouco que resta dos seus modos e costumes (cultura) de geração para geração. Assim, adentramos a seção seguinte onde abordaremos sobre esses movimentos e acerca do Quilombo Periférico a partir dos Bailes Black's.

4.3 Bailes Black's

Desde muito tempo os povos africanos (continentais e diaspóricos) antes, durante e depois da colonização tiveram os seus direitos negados, tantos de liberdades de ir e vir, bem como viver, reunir, festejar e outros. Diante de toda essa opressão os mesmos sempre criaram estratégias para conseguirem determinadas liberdades (direitos) concretizados. Foi assim que na década de 60, como

uma forma de sequência das festas que já aconteciam antes e durante o período colonial, embora com nomenclaturas diversas, nascem os Bailes Black's.

Os Bailes Black's, termo cunhado pelos movimentos de direitos civis afro-americanos nos anos 60, adeptos ao movimento Black Power e ao Black Music (blues, soul, jazz), designam festas específicas para pessoas negras. Surgem no auge da segregação racial nos Estados Unidos da América. Mas devemos levar em conta que os povos africanos experienciaram a segregação racial seja ela enquanto lei ou política de estado, isto é, desde antes, durante e após o período colonial em todos os lugares.

Depois dos Estados Unidos da América, o modelo dessas festas foram reproduzidos e ressignificados, posteriormente, em São Paulo e Rio de Janeiro, somando outros aspectos identitários e geopolíticos - que acabou ganhando força em outros estados brasileiros.

“Os negros, e em especial a juventude pobre, continuam a ocupar o centro seja para trabalhar, consumir ou se socializar nos momentos de lazer. Isso evidencia que essa região faz parte do circuito black da cidade, ou seja, uma série de locais espalhados pela metrópole que oferecem opções de lazer e socialização geralmente vinculadas à música, dança, festas religiosas e ao consumo específico do grupo. São bailes, clubes noturnos, escolas de samba, salões de cabeleireiros, lojas de discos, botecos, pontos de encontro, igrejas etc. O surgimento desse circuito é fruto da experiência da comunidade negra na cidade desde o século XIX e da sua relação com os espaços urbanos, mediada por problemas raciais e de integração social.” (MACÊDO, 2007, p. 191)

Nesse trecho o sociólogo Márcio Macêdo, pesquisador de Black's e rodas de sambas no Estado de São Paulo conta sobre a criação de variados espaços de socialização pelas comunidades negras no centro da cidade desde o século XIX e mesmo com o processo de favelização e gentrificação dos centros urbanos estes espaços ainda resistem. Na mesma linha de pensamento autor Janote Pires Marques discorre sobre as festas negras no período abolicionista e a reurbanização da cidade de Fortaleza nas últimas décadas do século XIX, como uma estratégia de afastar a população negra e suas manifestações culturais para áreas não urbanizadas e marginalizadas:⁶

“Permeando todas essas questões, estava o contexto de reurbanização pela qual passava Fortaleza nas últimas décadas do século XIX. Abertura de avenidas, alinhamento de ruas, construção de prédios públicos foram obras projetadas e coordenadas pelo engenheiro Adolfo Herbster, no decorrer das décadas de 1870 e 1880. Certamente eram mudanças necessárias para uma capital que crescia, mas, pouco interessantes aos munícipes mais humildes que habitavam a região do centro, à medida que foram obrigados a deixar suas casas e irem para regiões periféricas, ou

⁶ É importante ressaltar que as histórias de criação de espaços de sociabilidade e lazer pelas comunidades negras nos diferentes Estados são similares

então se concentrarem em pontos próximos ao centro, mas sem receberem benefícios da reforma urbana.” (MARQUES, 2008, p.15)

Ainda, na senda do século XIX os quilombos no Ceará, enquanto espaço de solidariedade, troca de afetos, memória e reconexão com os hábitos e costumes ancestrais, tem o seu marco ainda nas casas grandes quando os negros escravizados, livres e libertos criavam espaços de festas e encontros, mostrando resistência aos Códigos de Conduta e Postura instituídos em Fortaleza (1835) e Sobral (1867).

“O Código de Postura da Câmara Municipal da cidade de Fortaleza”:

“Art.1, nº 34 - todos os que tiverem casa publica de Negocio não consentirão n’elas de suas portas para dentro pessoas captivas sentadas a jogarem, ou paradas por mais tempo do que necessário para faserem as compras a que vão, sob pena de serem multados os donos das casas em dous mil reis para as despezas do conselho, ou quadro dias de prisão; e na reincidência o duplo” (FERREIRA, 2005, p.79)

“artº.21 do Código de Postura de Sobral” :

“ficam prohibidos os batuques ou samba dentro da cidade e povoação de seu municipio. O dono da casa em que elles tiberem lugar será multado em quatro mil réis ou quatro dias de prisão; ficando porém relevado de multa aquelle que apresentar licença de policia” (FERREIRA, 2005, p.86)

Os Códigos de Conduta e Postura instituídos no Ceará trazidos por Hilário Ferreira (2005) foram maneiras encontradas, pelos então fomentadores da escravização, de impedir que os negros formassem reuniões e, assim organizações, já que pairava no imaginário branco as iminentes rebeliões negras e grandes fugas. As festas negras continham cantigas que avisavam os negros dos perigos do tráfico interprovincial e serviam com um tipo de alerta que se espalhava rapidamente. Na tentativa de negar espaços, protagonismos e ainda tornar uma cultura deplorável é que aparecem códigos de posturas que legalizam a perseguição e inferiorização do negro. Sendo assim torná - se explícito que os Quilombos surgem da necessidade de os negros escravizados se encontrarem, trocar afetos, confraternizarem e refugiarem das perseguições dos caçadores de recompensas depois de terem fugido das condições que os aprisionavam (quilombo enquanto fortaleza) e de driblarem esses códigos que vão se observar em vários contextos de formas distintas - liberdade.

“A conquista dos espaços da festa, do batuque e do samba não representava apenas uma atitude transgressora da ordem estabelecida. Esses espaços frequentados por aqueles vistos como alvo dos traficantes - escravos, libertados e livres - tornavam-se lugares de sociabilidade e autonomia, onde se estabelecia o contato tão negado e proibido pelos códigos de postura.” (FERREIRA, 2011, p.86)

Importante frisar que as festas negras surgiram ainda no período colonial em Fortaleza, com diversos intuitos e simbolismos como as festas de coroação de reis e rainhas das irmandades negras, sambas, maracatus, etc. nos dias de hoje, com seus inúmeros frequentadores e temáticas diversas festas negras ainda hoje são apontadas e proibidas, muitos dos Bailes Black's de rua em Fortaleza tiveram que passar a ser em locais fechados, isto porque eram encerrados pela violência policial.

4.4 Bailes black's como agência e resistência para as comunidades negras periféricas

Recordo de um Baile Reggae na praça do Canindezinho, no Grande Bom Jardim - Fortaleza que havia como público jovens dos vários bairros periféricos de Fortaleza e, em maioria, jovens negros. Os bailes aconteciam às terças e quintas-feiras com aval municipal que permitia o evento das 18h às 22h. O baile tem o intuito de propagar a cultura reggae e sociabilidade da juventude periférica. Em uma noite de quinta-feira às 20h, já estava acontecendo o baile. A praça, como de costume, estava aglomerada de jovens periféricos que dançavam em pares ou sozinhos, como nos momentos de passinhos. De repente começaram os disparos de balas de borracha para a quadra da praça, exatamente onde estávamos. Todos começaram a correr, dois meninos foram atingidos e muitos outros foram agredidos. Dispersamos e corremos para as paradas de ônibus um pouco longe, pois os policiais ainda estavam amedrontando os jovens que decidiram esperar em frente a praça. Não houve diálogo com os produtores do evento. Os policiais não pediram para ver o aval municipal. Somente nas periferias é que percebemos a proibição de festas e encontro de jovens. Nas cidades nobres de Fortaleza, como o Benfica, é nítido as diversas festas de rua e privadas acontecendo e, muitas até pela madrugada. Por que não são impedidas? Por que a violência policial não chega nesses espaços?

Este fato aconteceu há 6 anos, obviamente não foi a primeira ou última experiência em bailes de rua. De lá para cá muitos produtores culturais negros decidiram construir seus bailes em locais fechados ou em espaços minimamente resguardados da violência⁷ (locais institucionais, como: Cucas, Centros Culturais, anfiteatros, etc.). Os bailes de rua não desapareceram, contudo precisam ser

⁷ Nos espaços privados a entrada de menores de dezoito anos é proibida, reduzindo ainda mais os espaços de lazer da juventude negra e periférica.

detalhadamente planejados para serem produzidos - com cuidados com aparelhos de som e cenário, avais, permissão policial, permissão territorial (por contas dos territórios faccionados da cidade) e, agora com a COVID-19, cuidados sanitários de uso de máscaras e vacinas.

São inúmeros Bailes Black's na cidade de Fortaleza, uns mais conhecidos que outros, como é o caso dos bailes com gêneros musicais específicos - Reggae, Funk, Afrobeats, Kizomba, Pagode, Afro house, Samba - Estas festas são planejadas e produzidas por pessoas negras para pessoas negras. Cada Bailes black's tem sua especificidade e temática, seja: com cantos e batuques reverenciando os orixás, caboclos e nkisi¹, palco aberto para voz e violão ou sarau, seja mais voltado para Funk, Passinhos e Kuduro ou Reggae e Kizomba, permissão de entrada de pessoas brancas. O que interliga esses bailes são os fortes laços estéticos africanos e a festividade.

O planejamento, a construção e execução dos bailes, tendem a tornar - se estratégicos e simbólicos na medida que visam a valorizar os traços, que até então, o projeto de branqueamento e o racismo apontaram/apontam como ruins e/ou feios: cabelo, formato do nariz, cor da pele, o tipo de corpo (corporeidade), cultura e demais traços que nos remetem para a população negra. A autora Nilma Lino Gomes em seu livro “Sem perder a raiz: corpo e cabelo com símbolos da identidade negra”⁸, onde retrata sua pesquisa de doutorado em salões de beleza negra (Afro/étnicos) conta que:.

“Visto desse ângulo, 'nosso' corpo e seus atributos constituem o suporte e a sede material de qualquer processo de construção de identidade. Atraves das relações “raciais” no Brasil como em outras partes do mundo marcadas pelas práticas racistas, aos negros foi atribuída uma identidade corporal inferior que eles introjetaram, e os brancos se autointitularam uma identidade corporal superior. Ora, para liberta-se dessa inferiorização, é preciso reverter a imagem negativa do corpo negro, através de um processo de desconstrução da imagem anterior e reconstrução de uma nova imagem positiva. Ou seja, contruir novos cânones da beleza e da estética que dão positividade às características corporais do negro.” (GOMES, 2020, p.23-24)

Além das músicas/gêneros musicais tocados nesses bailes, outra coisa prendia a minha atenção: a maneira com que os frequentadores se arrumavam. As pessoas (em um sentido generalizado⁹), utilizavam/utilizam tranças - das mais variadas - e/ou turbantes; argolas, brincos com estampas, pulseiras, braceletes, colares; e roupas com estampas africanas. Há uma grande procura de

⁸ A autora Nilma Lino Gomes compreende o salão de beleza como espaço de aquilombamento, por ser um lugar de cuidados, resistência e agência negra.

⁹ Todos os gêneros podem utilizar estas vestimentas, adereços e penteados.

lojas afros/étnicas e por salões de beleza nas vésperas dos bailes para dar uma renovada no cabelo, pois este será um dos grandes símbolos da resistência e dos povos pretos.

“O cabelo do negro, visto como ‘ruim’, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como ‘ruim’ e do branco como ‘bom’ expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste.” (GOMES, 2020, p.29)

No entanto, os Bailes Black’s na cidade de Fortaleza são uma continuação das festas de pretos que terão o seu apogeu no colonialismo, dando sempre ênfase à questão negra, consolidando - se como um espaço de afeto, solidariedade, sociabilidade, confraternização, resistência e agenciamento. Onde pretos de diversas partes da cidade se encontram para celebrar a ancestralidade e toda a história preta. Ganhando, assim, proporções políticas no sentido de agenciamento de espaços comunitários negros que buscam resistir e enaltecer a cultura africana, além de (re)construir a autoestima - que por séculos fomos impostos a não ter - tanto de amar a nossa beleza, bem como a nossa cor, cabelo e cultura.

Por isso é relevante quando estivermos a pensar o Quilombo (Bailes’s Black) levarmos em conta, antes de tudo, que é um espaço essencialmente negro, - construído e constituído por pessoas negras - mas podemos nos questionar, por exemplo, a introjeção de pessoas não negras dentro destes espaços. É um fato que pessoas não negras fizeram e/ou fazem parte de espaços negros, mas deixarei para outro trabalho onde irei abordar de forma mais exautiva sobre essa questão.

5. METODOLOGIA

Por conta da discussão acerca dos Bailes Black's ter ganhado bastante visibilidade nos últimos anos e, também por ser um produto de experiências enquanto mulher negra, periférica e produtora de bailes blacks, a maturação teórica foi sendo feita ao longo dos últimos três anos e construído fortes aspectos que, o autor Charles Wright Mills conceitua como artesanaria intelectual, destacando a importância de utilizar as experiências individuais de vida no trabalho intelectual

“Neste sentido, o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar. Dizer que você pode “ter experiência” significa, por exemplo, que seu passado influencia e afeta o presente, e que ele define sua capacidade de experiência futura.” (MILLS, 2009, p.22)

Com este processo de artesanaria intelectual juntamente com as reverberações do conceito de *escrivências*¹⁰ pode tornar estas vivências narrativas teóricas e conceituais. Levando em conta o objetivo da etnografia exposta por Mattos (2011), esta etnografia vai ganhar impulso durante o curso de antropologia e irá se basear em minhas reminiscências, pesquisa bibliográfica, observação participante e trabalho de campo.

“O objeto da etnografia é esse conjunto de significantes em termos dos quais os eventos, fatos, ações, e contextos, são produzidos, percebidos e interpretados, e sem os quais não existem como categoria cultural. Esses conjuntos de significantes nos apresentam como estruturas inter-relacionadas, em múltiplos níveis de interpretação” (MATTOS, 2011, p.54)

Como os bailes são planejados e construídas por grupos de produtores culturais negros - idealizadores, comissários, Djs e fotógrafos - dos diversos bairros periféricos da cidade, para coleta de dados serão feitas entrevistas semiestruturadas com os produtores dos seguintes bailes: “Boom boom black”, “Festadacrioula”, “Suorpreto” e também serão disponibilizados formulários para pesquisa de opinião e motivação dos frequentadores. Como materiais de campo já coletados, tenho várias fotografias e vídeos de encontros, danças, batuques e aspectos característicos de alguns dos bailes blacks que acontecem na Cidade de Fortaleza. O foco da investigação será tanto a análise das respostas dos produtores e frequentadores dos bailes blacks de Fortaleza como os aspectos característicos de cada baile.

¹⁰ EVARISTO, Conceição (2017)

A dissertação partirá de uma pesquisa qualitativa, com ênfase em um levantamento bibliográfico seletivo, preferencialmente com autores negros das diversas áreas do conhecimento, considerando que escritores negros são menos publicados, lidos e conhecidos, segundo uma pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea vinculado a Universidade de Brasília (UNB) mostra que entre 2004 à 2014 apenas 2,5% dos autores publicados não eram brancos.

6. CRONOGRAMA

ATIVIDADES	Janeiro à março	Abril à Junho	Julho à setembro	Outubro à dezembro
Continuidade da revisão bibliográfica	X			
Contato com entrevistados		X		
Disponibilização de formulários de pesquisa de opinião e motivação		X		
Transcrição e análise das entrevistas e formulários			X	
Redação do relatório de Pesquisa			X	X
Construção do Artigo científico		X	X	X

REFERÊNCIAS

- BORGES, Juliana. **O que é: encarceramento em massa?**. Belo Horizonte/MG: Letramento: Justificando, 2018.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 200p. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: (o legado da “raça branca”)**. 1º reimpressão. São Paulo: Globo, 2013.
- GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Ed. Claro Enigma, 2015
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e Cabelo como símbolos de identidade negra**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- HOLANDA (org.), Cristina Rodrigues. **Negros no Ceará: História, memória e etnicidade**. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult. Imopec, 2009.
- LEITE, Ilka Boaventura. **QUILOMBOS E QUILOMBOLAS: CIDADANIA OU FOLCLORIZAÇÃO?** ano 5. n.10. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 1999.
- LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas**. Etnográfica, Lisboa, v. IV, n. 2, p. 333-354, 2000.
- LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade**. Rio de Janeiro: *Anuário Antropológico*, 2004.
- MACEDO, Márcio. **Baladas black e rodas de samba da terra da garoa**. Jovens na Metrópole: etnografias dos circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo, Editora Terceiro Nome (2007): 189-224.
- MARQUES, Janote Pires. **Festas de negros em Fortaleza: territórios, sociabilidades e reelaborações (1871-1900)** / Janote Pires Marques; Franck Pierre Gilbert Ribard (orientador). 2008.
- MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books .
- MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na África**. Revista USP, n. 28, p. 56-63, 1 mar. 1996.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude. Usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1996.
- NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista/Abdias Nascimento**; com prefácio de Kabengele Munanga; e texto de Elisa Larkin Nascimento e Valdecir Nascimento. - 3.ed.rev. - São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.
- LOPES, Nei. **Dicionário escolar afro-brasileiro**. 2. ed. - São Paulo: Selo Negro, 2014.
- ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Angra Filmes, 1989. vídeo.
- PREFEITURA DE FORTALEZA. **Pesquisa sobre o Índice de desenvolvimento humano por bairro de Fortaleza, com categorias IDH Educação, longevidade, renda e classificação de cada bairro**. Disponível em: <http://www.anuariodoceara.com.br/indice-bairros-fortaleza/> Acesso em: 17 de agosto de 2019
- PREFEITURA DE FORTALEZA. **Pesquisa sobre o planejamento participativo por uma Fortaleza de oportunidades, mais justa, bem cuidada e acolhedora**. Disponível

em:https://fortaleza2040.fortaleza.ce.gov.br/site/assets/files/publications/fortaleza2040_planejamento_participativo_17-08-2015.pdf/ Acesso em: 30 de novembro de 2021

PREFEITURA DE FORTALEZA. Disponível em:
https://fortaleza2040.fortaleza.ce.gov.br/site/assets/files/publications/fortaleza2040_revista-padroes-de-urbanizacao_05-01-2016.pdf Acesso em: 14 de janeiro de 2022

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

RATTS, Alex. **Traços étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas**. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.

RODRIGUES, Vera. **A gênese do debate e do conceito de quilombo**. v.19. n.1. CADERNOS CERU, junho de 2008.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**/ Lívio Sansone; tradução: Vera Ribeiro. Salvador: EDUFBA, Pallas, 2007.

SOBRINHO, José Hilário Ferreira. **Catirina, Minha nêga, tão querendo te vendê: escravidão, tráfico e negócios no Ceará do Século XIX (1850-1881)**. Fortaleza: SECULT/CE, 2011.

WRIGTH-MILLS, C.1980. **“Do artesanato intelectual”**. In A Imaginação Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar: 211-243.